

Crise na capital



O plano original de Brasília, feito pelo arquiteto Lúcio Costa, que venceu um movimentado concurso nacional! previa uma cidade com acomodações e infra-estrutura para atender a 500.000 habitantes. Quase 30 anos depois, a capital federal já tem mais de 1,3 milhão de habitantes, ocupando vários núcleos residenciais que fogem da concepção

anos como a maior favela de Brasília, já ostenta casarões que evidenciam a chegada de moradores de melhor renda.

Quem pretende morar no plano piloto ou áreas próximas terá de enfrentar, em primeiro lugar, o problema da falta de moradias para aluguel ou venda. "Está um horror", resume o presidente do Conselho Regional de Corretoras de Imóveis (Creci), João Balduino de Magalhães. Segundo ele, os preços dos imóveis para compra e venda dos aluguéis subiram mais de 1.000% no ano passa-

milhões, dependendo da localização e das condições do imóvel.

Para Balduino, a solução do problema de falta de imóveis habitacionais depende do Governo. As imobiliárias querem que o Governo Federal venda os 11.000 imóveis funcionais que possui e que órgãos públicos joguem no mercado terrenos que possuem em áreas residenciais. Só a Universidade de Brasília (UnB), por exemplo, é proprietária de algumas projeções em quadras nobres do Plano Piloto capazes de abrigar mais de 1.500 apartamentos. "Os preços dos terrenos fazem com que os custos de um imóvel subam lá para cima", informa, desanimado, Fernando Gontijo Azevedo, proprietário da Imobiliária Correta.

Quem não consegue um imóvel para comprar, caso tenha alguma reserva, briga para alugar. Já é comum candidatos a inquilino oferecerem uma "taxa extra" para obterem preferência das administradoras de imóveis. Não havendo outra alternativa, o jeito é deixar o Plano Piloto, um apelo que as incorporadoras já estão usando para venderem imóveis pequenos, mas bem situados. Um apartamento de dois quartos, em prédio com lojas comerciais no térreo, está sendo vendido por 240 milhões de cruzeiros. "Acaba sendo um preço muito alto, já que as pessoas que têm esse dinheiro não querem apartamento de dois quartos", reclama Gil Pereira, proprietário da imobiliária que tem o seu nome. Com isso, pagar aluguel acaba sendo a única alternativa.

É comum, porém, encontrar-se profissionais de renda média que vêm, ano a ano, piorando seu nível de moradia, embora mantendo-se num mesmo emprego. Muitas moças e rapazes solteiros, casais jovens ou até famílias numerosas estão se sujeitando a morar em kitchenetes improvisadas nas quadras comerciais. Entre cada duas quadras residenciais, existe uma rua comercial, com lojas no térreo e salas para escritórios nos andares superiores. Mais de 80% dessas salas estão sendo transformadas em moradias, muitas das quais já estão sendo alugadas pelo escorchantes preço de 2 milhões de cruzeiros. A situação está de tal maneira descontrolada, que muitos proprietários de imóveis estão preferindo deixá-los desocupados para que, quando os alugarem, possam partir de um piso mais elevado. (A)



FOTOS: MARCIO PIETRO

Favela de Paranoá, em Brasília: para quem não pode morar no Plano Piloto.

original da cidade. A maior parte da sua população, inclusive a classe média, mora mal e quem está condenado a pagar aluguel se vê na contingência de desembolsar verdadeiras fortunas todos os meses.

O Plano Piloto (Brasília propriamente dita) foi imaginado na doce ilusão de que serviria para abrigar todos os funcionários da administração federal, do ministro ao seu motorista. Essa parte nobre da cidade abriga menos de um terço dos habitantes do Distrito Federal. As populações de mais baixa renda foram sendo jogadas para cidades-satélites cada vez mais distantes, ou se abrigam em favelas. A classe média vem, rapidamente, ocupando áreas antes desprezadas. Hoje, até Ceilândia, uma cidade-satélite criada para abrigar moradores de invasões e tida até há poucos

do, em Brasília. O aluguel de um apartamento de três quartos no plano piloto, por exemplo, é de, no mínimo, 3,5



Magalhães: "Situação está um horror".